

**O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículo-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia**

*Carnival and the production of masculinities: curriculum-pedagogical aspects of samba school drums on the Brazil-Bolivia border*

Rener de Melo Helena  
Tiago Duque  
**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)**  
Campo Grande/MS-Brasil

**Resumo**

O objetivo deste artigo é investigar aspectos currículo-pedagógicos das masculinidades de homens ritmistas nas baterias de escolas de samba do Carnaval de Corumbá (MS). Optou-se por pesquisa qualitativa, envolvendo entrevistas semiestruturadas com sete homens ligados às baterias de escolas de samba. Realizou-se etnografia digital em plataformas jornalísticas e em canais no YouTube. A perspectiva teórica adotada foi a pós-crítica em Educação. Os resultados apontam para a importância do Carnaval no que se refere à diferenciação entre brasileiros e bolivianos, como o primeiro sendo “mais alegre”. A produção das masculinidades envolve próteses e performances de gênero que são ensinadas e aprendidas com dedicação e disciplina, tendo como principais elementos os instrumentos “de homens” (maiores e mais pesados) e as fantasias “masculinas” (militares e profissionais respeitáveis).

**Palavras-chave:** Carnaval; Fronteira; Masculinidade.

**Abstract**

The objective of this article is to investigate curriculum-pedagogical aspects of the masculinities of male rhythmists in the drums of samba schools during Carnival in Corumbá (MS). We opted for qualitative research, involving semi-structured interviews with seven men linked to samba school drums. Digital ethnography was carried out on journalistic platforms and YouTube channels. The theoretical perspective adopted was post-critical in Education. The results point to the importance of Carnival in terms of the differentiation between Brazilians and Bolivians, with the former being “more joyful”. The production of masculinities involves prosthetics and gender performances that are taught and learned with dedication and discipline, with the main elements being “men’s” instruments (bigger and heavier) and “masculine” costumes (military and respectable professionals).

**Keywords:** Carnival; Border; Masculinity.

## **1. Introdução**

O Carnaval é uma das grandes festas populares brasileiras que projeta o Brasil para o restante do planeta. Caracteriza-se por ser um fenômeno social tradicional em diferentes partes do mundo, no entanto, no Brasil, há peculiaridades que a amplificam (Damatta, 1997). Assim, ele pode ser compreendido como uma experiência currículo-pedagógica no que se refere aos aprendizados que ele implica. Neste texto, o currículo e a pedagogia são diferentes dos usados restritamente à instituição escolar: os pensamos como processos de aprendizagens e ensinamentos em contextos socioculturais mais amplos – como sujeitos são produzidos por meio de modos de ser, agir e sentir para além das instituições propriamente tidas como educativas (Silva, 2013). Considerando isso, os festejos carnavalescos, especialmente as baterias de escolas de samba, podem ser entendidos como “lugares de aprendizagem” (Andrade; Costa, 2017).

No estado de Mato Grosso do Sul, a cidade de Corumbá realiza a maior festa carnavalesca da região Centro-Oeste. Isso é noticiado pela imprensa local como o terceiro maior Carnaval do país (Festa..., 2018), e há destaque para a ligação da festa com a identidade cultural da região (Urt, 2015).

Inegavelmente, por ser uma cidade fronteira, nela o Carnaval torna mais forte os sentimentos de pertencimento a uma comunidade maior, a de brasileiros. Inclusive, a festa corumbaense apresenta o desfile das suas escolas de samba nos moldes do evento do Rio de Janeiro (RJ), em que há tempos tem forte repercussão elogiada dentro e fora do Brasil. Isso ocorre por conta de alguns membros do Carnaval carioca darem consultoria para os carnavalescos de Corumbá (Costa, 2013).

Entre diversas experiências em termos de diferenças, para além dos marcadores sociais da regionalidade, da classe e da nacionalidade, sabe-se que essa festividade também é marcada por gênero e sexualidade, especialmente em termos de masculinidades e feminilidades (Passamani, 2016). Ao nos referirmos a esses marcadores, rejeitamos o determinismo biológico e os papéis sociais tradicionais atribuídos a homens e mulheres (Sabat, 2001). Aqui, o conceito sexo funciona como uma norma e/ou ideal regulatório, e não como um dado da natureza (Butler, 2021). Afinal, considerando o currículo e a pedagogia cultural, há múltiplas formas de se viver a sexualidade e o gênero (Louro, 2000). Quanto às possibilidades carnavalescas de compreensão dessas experiências currículo-pedagógicas,

interessa-nos aqui as das baterias de escolas de samba, as quais, por exemplo, criam condições para a produção de subjetividades e para a construção do próprio corpo em relação com instrumentos musicais e fantasias, especialmente aos homens.

Assim, o objetivo deste artigo, que é fruto de pesquisa de mestrado (Helena, 2022) e foi financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), é analisar aspectos currículo-pedagógicos das masculinidades de ritmistas nas baterias de escolas de samba do Carnaval corumbaense. A perspectiva teórica adotada foi a pós-crítica em Educação. Entende-se que deve-se ater às relações e suas dimensões em meio aos micropoderes (Paraíso, 2018). Afirma-se ainda que não há certezas definitivas e que o conhecimento se torna incompleto e sem fim (Louro, 2007). Ao mesmo tempo, ao nos referirmos a certa pedagogia como sendo cultural reforçamos politicamente a construção conceitual “a partir de diferentes campos do conhecimento que foram legitimando as relações da pedagogia com as práticas culturais cotidianas a partir de diferentes campos” (Bortolazzo, 2020, p.316).

Neste texto, após essa introdução, apresentamos uma seção sobre a metodologia utilizada, os interlocutores e realidade da fronteira Brasil-Bolívia e o Carnaval – a sua importância econômica e simbólica para a região, especialmente para a valorização do brasileiro frente ao estrangeiro. Em outra seção, discutiremos o quanto o que há de curricular e pedagógico no Carnaval se inicia muito cedo na vida dos interlocutores – valorizando a ideia de “alegria” no contexto estudado. Na última parte deste texto, debatemos a produção das masculinidades a partir da participação dos interlocutores nas baterias das escolas de samba de Corumbá, atentando para aspectos performático-protéticos e fronteiriços.

## **2. Práticas metodológicas em uma cidade fronteiriça**

Os resultados aqui apresentados e analisados são frutos de pesquisa qualitativa (Araújo; Oliveira; Rossato, 2017), envolvendo entrevistas semiestruturadas (Lüdke; André, 1986) com sete homens ligados ou ritmistas no Carnaval de Corumbá. A entrevista semiestruturada “se desenrola a partir de um esquema básico, porém, não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (Lüdke; André, 1986, p.40). Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que preserva o sigilo da conversa e os seus nomes.

O Programa de Pós-Graduação em que essa pesquisa se vincula não exige parecer do Comitê de Ética em Pesquisa. Contudo, evidentemente, por questões éticas, o nome dos

*O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

entrevistados foi substituído por nomes fictícios. Além disso, características pessoais dos participantes serão anunciadas quando citados pela primeira vez, também sem expô-los a quem conhece o contexto em que eles vivem e for ler o texto aqui em tela. Em virtude da pandemia de Covid-19, a primeira entrevista foi realizada de forma telepresencial (sincrônicas) pelo Google Meet. As demais foram elaboradas presencialmente e com uso de máscara. Durante o período de realização deste estudo, não ocorreram desfiles das escolas de samba na cidade.

Os entrevistados, portanto, podem ser assim apresentados:

Amadeu, 31 anos, pardo, solteiro, católico, pai, com Ensino Médio completo e funcionário público, que estreou no Carnaval em 2006.

Carlinhos, 23 anos, negro, solteiro, católico, sem filhos, com Ensino Superior incompleto e músico na noite, que estreou no Carnaval entre 2009 e 2010.

Dominguinhos, um dos entrevistados – 55 anos, negro, casado, católico, pai, com Ensino Superior completo e produtor de eventos, que estreou no Carnaval em 1978.

Gustavo, 23 anos, pardo, casado, evangélico, sem filhos, com ensino técnico e atuando no campo da eletrotécnica, que estreou no Carnaval em 2003.

Hélio, 76 anos, moreno escuro, solteiro, católico, pai, com Ensino Fundamental completo e militar da reserva, que estreou no Carnaval em 1953.

Luís, 41 anos, negro, casado, sem religião, pai, com Ensino Superior incompleto e empresário que estreou no Carnaval em 1992.

Ubirajara, 34 anos, pardo, casado, umbandista, sem filhos, com Ensino Superior completo e servidor público municipal, que estreou no Carnaval em 2011.

Além das entrevistas, realizaram-se pesquisas on-line em plataformas jornalísticas que publicaram sobre o Carnaval da cidade e em canais no YouTube que divulgaram vídeos de apresentações das baterias de escola de samba. Ou seja, foi utilizada a etnografia digital (Leitão; Gomes, 2017). Essa escolha se deu em função, para além da impossibilidade de etnografar “off-line” os desfiles das escolas de samba, a compreensão de que “a ciência avança também ao adaptar procedimentos, técnicas de obtenção de informações, modos de observação e atenção, formas de registro de uma área de conhecimento para outra” (Leitão; Gomes, 2017, p.43-44). Nesse caso, da Antropologia para a Educação, com a devida atenção para os processos currículo-pedagógicos no ambiente virtual, entendendo que off-line e on-

line se retroalimentam. Isso corrobora a valorização de diferentes estudos em relação a esse “novo espaço” de sociabilidade: o chamado digital (Noveli, 2010).

Dito isso, apresentamos a cidade onde eles vivem e a pesquisa foi realizada. Essas informações não apenas contextualizam o estudo, mas também ajudam na compreensão e análise dos dados, afinal, currículos e pedagogias culturais são sempre situados e assim precisam ser interpretados. A fundação da cidade de Corumbá data de 1778, tendo recebido migrantes de diversas regiões do Brasil e do mundo. O município ainda foi palco de experiências de viajantes e expedições exploradoras que fomentaram registros gráficos, crônicas e estudos científicos que levantaram, construíram e solidificaram importantes aspectos da cultura (Banducci Junior, 2003). A geografia local, cercada de pantanais, revela-se distante dos centros urbanos.

As fronteiras podem aqui serem entendidas como limites à construção entre grupos nacionais. Costa (2013) afirma que a vida nas regiões fronteiriças tem dinâmica própria e que esses limites podem ser desafiados e/ou renegados, mas que, de qualquer forma, há mecanismos de controle e vigilância. A distinção de nacionalidades construiria ainda o sentido de lugar e organizaria elementos comuns às populações fronteiriças. Seguindo essa lógica, portanto, as populações das cidades brasileiras conurbadas Corumbá e Ladário e das bolivianas Puerto Quijarro e Puerto Suárez experimentariam, em seu cotidiano, elementos discursivos que promoveriam práticas de identidades nacionais e estrangeiras produzidas nos limites de ambos os países, os quais atravessariam as linhas de espaços fronteiriços que exercem poder, incorporando, dessa forma, ideias, valores e sentimentos que podem se manifestar por meio de uma relação hierárquica entre os estados-nações.

Definido os limites físicos e simbólicos de ambos os países, há compartilhamentos e distribuições de saberes e poderes exercidos pelos indivíduos e pelas sociedades. Não à toa, as fronteiras têm sido cada vez mais estudadas de modos diversificados (Souza, 2018). No caso aqui em questão, o Carnaval é realizado do lado brasileiro da linha fronteiriça e está cheio de relações de poder e definições de limites simbólicos. Por exemplo, no caso corumbaense, inclusive pelo nome que a festa recebeu nos últimos anos: “Carnaval da Alegria”. Esse sentimento não é um marcador apenas transnacional em relação ao país vizinho, comparando emoções e estilos de vidas entre brasileiros e bolivianos, mas também dentro do próprio estado de MS, visto que alegria é um adjetivo comumente atribuído apenas a moradores de Corumbá – tida como a cidade “mais alegre” do Estado.

## *O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

Em relação a moradores do país vizinho, por vezes, a presença deles na cidade brasileira é compreendida por alguns como um problema social, ainda que alegres, não comumente são vistos assim pelos brasileiros. Contudo, a cidade brasileira é vista como uma oportunidade de atrações culturais e de entretenimento pelos bolivianos, além de oferecimento de serviços públicos de educação e saúde, de oportunidades de trabalhos formais e/ou informais, entre outros. Por isso, mesmo que o Carnaval, assim como o desfile do Sete de Setembro (Dia da Independência do Brasil), seja uma festividade que assume um caráter nacionalista enquanto símbolo da brasilidade, não significa que elementos da cultura boliviana também não possam ser introduzidos, incorporados e trabalhados nas diversas comemorações locais (Costa, 2013). No Carnaval, por exemplo, na Corte de Momo, uma importante e reconhecida drag queen nascida em Corumbá homenageou uma das etnias bolivianas, ao usar elementos culturais femininos da mulher *colla* em sua montagem (Duque, 2022). Ela foi muito aplaudida, contudo, a performance pode ser lida como estereotipada, pelos significados depreciativos que a referida etnia tem em Corumbá, associando-se a representações negativas sobre as cidades fronteiriças do país vizinho, como “não tendo nada lá”, “só índio e coisas para comprar” (Duque, 2017).

Além dos bolivianos, outras pessoas de dentro e de fora de MS participam do Carnaval local. Inegavelmente, a participação de turistas também diferencia a cidade. O turismo consiste na atividade de ir ao encontro de outros lugares, a fim de vivenciar e experimentar culturas que não se vivencia em sua sociedade (Maccannell, 1999). Dito de outro modo, os turistas buscam por signos e autenticidades nos lugares de visitas que validam a experiência anunciada e vivida por eles: são compreensões de importantes aspectos da cultura local, (re)leituras inovadoras do passado, além de conhecimentos de memórias e identidades de um povo, ou seja, produz sentimentos de coletividades específicas (Banducci Junior, 2003). Em Corumbá, turismo e Carnaval se unem como alternativa importante de emprego, entretenimento e renda, beneficiando a cidade como um todo, além de produção e afirmação de diferenças ante o estrangeiro, frequentemente mais valorativas ao lado brasileiro da fronteira. Isso, conforme discutiremos a seguir, implica escolhas e decisões dos interlocutores e/ou de seus familiares desde a infância – ou até antes dela.

### 3. Experiências currículo-pedagógicas com a alegria desde antes de nascer

A “típica alegria corumbaense” citada anteriormente tem relação direta com a realização de diferentes festividades, mas nenhuma tão valorizada quanto a do Carnaval, inclusive pela economia que essa festa envolve. Segundo Hélio, a festa carnavalesca

*gera muito emprego, todo mundo ganha. Até a prefeitura, o governo, tem o retorno em triplo. O único que não ganha mesmo é o artista, é quem proporciona a festa, quem faz a festa. Esse sai todo endividado.*

Assim, o Carnaval também passa por interesses e valores que compensam, independentemente de gerar dívidas para parte dos envolvidos, e de ser “alegre”. Ao mesmo tempo, Luís, explica que o festejo oferece oportunidades de se ganhar dinheiro que vão para além dele mesmo:

*A música me deu meus filhos, minha profissão... [...] Não me deu dinheiro através dela, mas me deu dinheiro através do conhecimento que eu tive com ela [da música]. Conheci desde governador, deputados, a prefeitos através disso tudo. A música é uma política do bem.*

Percebe-se que a música permitiu, além da experiência da paternidade, que ele acessasse a rede que garantiu a sua própria sobrevivência econômica, a partir de aprendizados específicos em termos profissionais. Esses aprendizados ocorrem desde muito cedo na vida dos interlocutores. Ubirajara relata: “Eu costumo brincar que, em 1986, fui campeão do Carnaval na barriga da minha mãe”.

Sabemos o quanto as narrativas curriculares dizem sobre o que é legítimo e ilegítimo em termos de gênero e sexualidade e outros marcadores sociais das diferenças em termos geracionais, para homens e mulheres. Dizem também sobre “o que é certo e o que é errado, o que é moral e o que é imoral, o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes são autorizadas e quais não são” (Silva, 2013, p.190). Isso ocorre desde muito tempo também para Hélio. Ele conta que começou a desfilar aos oito anos. Já Gustavo recorda que começou a tocar em uma bateria aos cinco anos. Assim, ao nos referirmos a certa pedagogia cultural no Carnaval, não estamos usando uma expressão que conecta pedagogia e cultura, mas buscamos reiterar a importância significativa conferida às questões culturais no campo pedagógico (Bortolazzo, 2020, p.316) na vida de homens desde as primeiras experiências de masculinidades.

*O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

Dito de outro modo, não estamos afirmando que, ao longo da vida, os aprendizados sejam os mesmos em termos de masculinidades, mas o quanto se legitima um saber buscando a origem no início da sua biografia, nas suas experiências longínquas. Porém, ainda de forma mais legitimadora desses aprendizados, Amadeu conta que tudo começou com seu avô, que era músico e mestre de bateria, portanto, uma geração anterior a de seus pais. Segundo Amadeu, o dom veio do avô, pois quando criança ficava batendo os instrumentos em móveis pela casa. Foi aí que sua família o colocou nos blocos carnavalescos da cidade.

Aqui é possível perceber que Amadeu teve seu “dom” carnavalesco incentivado pela família desde criança, dando a impressão de que o “dom” nasceu com ele, passado de seu avô. Durante a entrevista, ele refletiu que há uma conduta que se espera na passarela do samba. Essa conduta diz respeito, no caso desses interlocutores, à masculinidade, conforme detalharemos neste texto. Antes disso, chamamos atenção para o quanto esses ensinamentos e aprendizados do/no Carnaval envolvem familiares – e não apenas homens – de mais de uma geração, corroborando que “conduzir e conectar corpos e vidas é efeito das artimanhas de um currículo, é efeito da pedagogia que lhe é específica, efeito de suas vontades de sujeito” (Maknamara, 2020, p.61-62).

As relações e o contexto familiar não são os únicos que permitem meninos aprenderem a tocar instrumentos nas baterias. Em uma notícia de um jornal, o secretário de Relações Institucionais e diretor-presidente da Fundação de Turismo do Pantanal, Carlos Porto, afirma que as escolas de samba desenvolvem espetáculos cada vez melhores e que as baterias permitem desenvolver ações com crianças e com a juventude (Fernandes, 2010). Assim, há experiências governamentais para envolver crianças e adolescentes no Carnaval, como o recém-criado projeto Corumbá do Amanhã – Grêmio Recreativo Escola de Samba Mirim “Escola de Samba Mirim”, recém-criado. As escolas públicas se mobilizam para envolver alunos em diferentes funções em uma escola que desfila apenas com crianças e adolescentes. Isso é importante porque, conforme nos ensina Hélio, é a curiosidade, instigada na cidade desde a infância, que faz com que se ensine e se aprenda no/com o Carnaval “Muitas vezes, é olhando, olhando com curiosidade. Vai olhando, [vai] participando [...]”.

Independentemente da Escola de Samba Mirim, em todas as demais, há a presença de crianças e adolescentes. Sobre essa realidade, Dominginhos faz a seguinte afirmação: “Hoje



*nós temos jovem e criança. Quando começou a se entender, a pegar um instrumento, já estava em uma bateria, isso nossos filhos, netos, enfim, a bateria é como se fosse uma família”.*

Em outras pesquisas, essa presença também aparece. Sá (2013), ao investigar uma bateria mirim na cidade do Rio de Janeiro, nota que se desenvolvem procedimentos particulares de transmissão de conhecimentos. Em sua pesquisa, percebe que são os adolescentes os principais responsáveis (mestres) pelo fomento e pela perpetuação das habilidades na bateria: oralidade, observação, imitação e repetição.

No que se refere ao contexto corumbaense, segundo análise etnográfica feita a partir dos vídeos disponíveis no YouTube com as apresentações das baterias, também foi possível identificar crianças e adolescentes assistindo e/ou participando, inclusive tocando instrumentos nessas agremiações (Galharte, 2013: 2015; Cabrera, 2014; Pinheiro, 2016;). Há também alas inteiras de crianças e adolescentes em uma apresentação de escola de samba (Spencer, 2017a), muitas acompanhadas por familiares. O que se pode assistir nos vídeos também foi relatado no estudo de Ribeiro (2018), que identificou crianças e adolescentes participando com suas famílias no Carnaval do Rio de Janeiro, em espaços próprios (ala das crianças), com a perspectiva de profissionalização e renovação das próprias escolas cariocas. Isso faz com que esses aprendizados currículo-pedagógicos contribuam para a valorização e a manutenção do Carnaval.

Essas experiências entre infância e escolas de samba não são unânimes a todas as histórias dos homens nas baterias, nem em Corumbá, nem em outras localidades (Aguar, 2013). Assim, o currículo das masculinidades do Carnaval tem essa façanha: produzir pedagogias em toda e em qualquer idade. Nas baterias, os ritmistas aprendem e ensinam a própria cultura, pois elas se constituem como espaços de confronto de experiências de vida, diferenças, lutas e transformações (Macedo, 2006). As culturas, portanto, não são completas nem definitivas, por isso, os aspectos currículo-pedagógicos das masculinidades, ainda que sejam ensinados e aprendidos desde muito cedo, mudam não somente na biografia dos interlocutores, mas na própria experiência das masculinidades em determinados contextos. A seguir, discutiremos sobre a masculinidade a partir das experiências de homens nas baterias de escolas de samba de Corumbá.

#### **4. Produzindo masculinidades no ritmo do samba**

De acordo com os dados levantados, o currículo e a pedagogia da masculinidade são constituídos a partir de determinados aspectos que envolvem as baterias. Ao ser perguntado

*O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

sobre o que se precisa fazer para participar de uma bateria de escola de samba, Ubirajara afirma que a “*primeira coisa é [ter] disposição. Quem quer e gosta, que tem o interesse [...], precisa de frequência e determinação, chegar lá e participar dos ensaios, tocar, entender, ter uma afinidade*”.

Em diferentes matérias jornalísticas, outros aspectos também são apontados. Um dos premiados mestres da cidade se comprometeu com um trabalho sério vinculado à disciplina para 2015 (Fernandes, 2014). Um outro carnavalesco disse que, apesar do nervosismo, com garra de sua diretoria e dos seus componentes, ele concluiu dignamente a apresentação (Assef, 2016). Além disso, segundo outro homem, a união é outro aspecto apontado em campo essencial para vencer os desafios do Carnaval (PMC, 2017).

Assim, disposição, interesse, determinação, trabalho, disciplina, nervosismo, garra e união são alguns aspectos que fazem parte do cotidiano dos ensaios e das apresentações desses ritmistas e/ou carnavalescos corumbaenses. Nesse processo, produzem-se masculinidades específicas, ainda que seja rentável pensarmos em masculinidades hegemônicas (Connell, 2013). Afinal, seguem existindo padrões preestabelecidos de formas de como se relacionar consigo mesmo, com o outro e com o mundo, prescritos, sobretudo, por meio de desejos, interesses e sentimentos envolvendo as experiências de diferentes homens. Ao mesmo tempo, também há espaço para a criação. Vejamos o exemplo da rivalidade, comum nos ambientes de Carnaval e da constituição enquanto homem em sociedades como a nossa.

Em um jornal, um carnavalesco disse que, no desfile de 2016, os grupos estavam mais unidos, que a rivalidade estaria apenas nas apresentações em que disputavam o título. Ou seja, haveria espaço para o respeito mútuo entre os participantes da folia (Medeiros, 2016). Ao mesmo tempo, durante uma das entrevistas, Dominginhos nos deu um exemplo significativo em relação à rivalidade do Carnaval não interferir de modo a tornar o ambiente “agressivo”. Para ele “*tudo o que a gente for fazer, a gente tem que fazer com muita vontade, empenho, amor, dedicação*”.

Ao dizer isso, contou uma história que se passou com um dos seus amigos, 20 dias antes de ele falecer. Esse amigo estava com câncer e não deixava de frequentar os ensaios da bateria. Ao ser perguntado por Dominginhos o motivo pelo qual ele, mesmo doente, seguia

indo aos ensaios, seu amigo lhe disse: “O que me traz aqui é a harmonia que esse ambiente me dá. Escola de samba é isso: cadência, responsabilidade e harmonia”.

A paixão e o choro é outra característica dessas experiências de masculinidades que envolvem as festas carnavalescas. Todos os entrevistados demonstraram de alguma forma sua paixão pelo Carnaval corumbaense. O fruto dessa paixão pode culminar em um choro que, por meio da fala de Ubirajara, explica a normalidade dessa emoção entre eles: “Você vai enxergar a paixão em cada pessoa que faz [ela acontecer]. A pessoa se dedica, a pessoa chora, a pessoa se emociona...”.

Luís também se refere ao choro: “Você vê o pessoal chorando, é o coração, né?” Aqui, o choro é característica possível das masculinidades, como ocorre em outras experiências culturais, como nas torcidas de futebol. Ele pode ser uma válvula de escape para os homens demonstrarem determinados sentimentos ou comportamentos tidos como mais femininos (Rios; Coelho, 2020). Da mesma maneira, pode-se compreender que o Carnaval, por vezes, permite o extravasamento dos afetos e das emoções generificadas em uma sociedade autocontrolada, para além de valores tidos como hegemônicos em termos de masculinidades: não chorar ou se manter rival e agressivo em contextos competitivos.

Assim como nas torcidas de futebol, em que várias masculinidades podem ser produzidas no mesmo local, mas não necessariamente gozem do mesmo estatuto de privilégios e reconhecimento (Bandeira, 2010), podemos afirmar algo parecido sobre as baterias das escolas de samba. Não por acaso, Ubirajara costuma relacionar o Carnaval ao futebol, experiências que, para além da masculinidade, podem evidenciar a identidade nacional brasileira. Para ele, o brasileiro gosta tanto de Carnaval como de futebol e, em ambos os casos, opina a ponto de “discutir com a televisão” sobre a melhor tática no jogo, no caso do esporte, ou se estão “tocando bem ou não”, no caso das baterias “É uma relação de certa intimidade. O povo corumbaense é íntimo dos sons das baterias, então consegue fazer, inclusive, essa identificação, se está tocando bem ou se está tocando mal”.

Estar expostos à avaliação de especialistas, e também de não especialistas, em relação ao tocar nas baterias, faz parte dos processos currículo-pedagógicos das masculinidades. Ainda que aqui não busquemos classificar as masculinidades como hegemônicas ou subalternas, vale considerar que elas são produzidas na interação desigual, envolvendo outros homens e também mulheres (Kimmel, 1998). Essas interações se tornam visíveis no trabalho de campo a partir do uso dos instrumentos musicais. Nesse sentido, Amadeu afirmou

*O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

durante a entrevista que *“tem instrumentos que na hora arrebetam, outros que na hora estouram a pele, [e isso] muda as atitudes dos ritmistas. Têm uns que ficam bravos, [dizem] que não tem como tocar na hora... Muda muito as atitudes deles”*.

Carlinhos, por sua vez, sustenta que *“ele [o instrumento] pede uma desenvoltura. O cara que toca surdo toca mais estabilizado, pelo instrumento ser pesado. [...] Quem toca malacacheta toca mais leve também”*.

Como sabemos, o que há de curricular-pedagógico em diversos contextos culturais está *“atuando na constituição das subjetividades, na adequação dos corpos e na realização de práticas cotidianas indispensáveis para a produção de certas habilidades e certos conhecimentos”* (Silva; Costa, 2021, p.220). Por isso, sem os instrumentos, não haveria masculinidade do modo como ela é no contexto analisado, portanto aqui podem ser compreendidos como próteses de gênero. Isso é corroborado pelo que disse Hélio: *“Cada um tem a sua personalidade, seu som diferente. Cada instrumento tem a sua agilidade e o seu jeito de bater”*.

Nos referimos a próteses como um *“acontecimento de incorporação”* e, como tantas outras zonas de produção de gênero e sexo, nada neutras (Preciado, 2018). Os instrumentos são incorporados ao corpo e, nesse caso, permitem a produção de performances de gênero, isto é, dos atos reiterados que garantem inteligibilidade enquanto corpos masculinos (Butler, 2021). Assim sendo, os instrumentos enquanto próteses são formas de *“ser corpo”* (Preciado, 2002). Não à toa, Luiz, durante a sua entrevista detalhou a diferença entre as atitudes de se tocar determinados instrumentos, inclusive se referindo a eles com adjetivos demasiadamente humanos: *“Cada instrumento pede uma atitude muito diferente. As marcações, os surdos... Ele é um cara mais agressivo, mais explosivo”*.

Comumente, o surdo é tocado por homens por conta de seu peso. Mulheres, em sua maioria, tocam tamborim e chocalho, menores e mais leves. Mas isso tem mudado. Segundo Ubirajara, hoje em dia *“você tem mulheres tocando os instrumentos chamados mais pesados [repinique, caixa, surdo etc]”*.

Já Amadeu também reforça essas mudanças, mas aponta a dificuldade das mulheres quanto ao esforço físico para tocar um instrumento pesado, e não no processo de aprendizado de tocar. Carlinhos concorda com Amadeu, frisando que não há regra que proíba as mulheres de tocar qualquer um dos instrumentos. Em um outro estudo, também aparecem

dados que apontam para as mulheres tocando instrumentos mais leves, como no de Bilate (2013), corroborando a relação entre instrumentos musicais e performances de gênero. Não por acaso, o autor ainda encontrou a maior parte dos homossexuais no chocalho, segundo ele, por conta do movimento de desmunhecar que se faz com as mãos.

Buscando valorizar as baterias, portanto, os instrumentos e quem os toca, Dominginhos faz uma analogia da bateria com o coração, afirmando que não se pode comer muita gordura (porque faz mal ao órgão) e quem cuidar bem do coração (e da sua bateria) colherá bons frutos. Hélio afirma que se a bateria (o coração) parar, tudo para. Conforme eles, a bateria traz vida a uma escola de samba, tamanha a sua importância. Em notícia publicada em um jornal, as baterias das escolas de samba também foram chamadas de o coração das agremiações (Cabral, 2019). Luís mantém essa lógica, destacando o quanto o surdo é o que dá o pulsar da bateria, portanto, sem ele não haveria samba e assegura que “o coração da escola de samba é o pulsar da marcação”.

Interessante notarmos que esse instrumento, tão essencial e valorizado, por conta do seu peso e tamanho, é menos tocado por mulheres. Mas esse “coração” já bateu diferente. Segundo Dominginhos, o governo teria contribuído e incentivado uma transformação na sonoridade das baterias corumbaenses:

*Você está falando sobre masculinidades e baterias, e uma das grandes mudanças que houve no Carnaval de Corumbá é o quesito bateria. A gente tinha uma bateria que chamava de ‘batida pantaneira’, não era uma batida swingada como na do Rio de Janeiro.*

Para entendermos melhor essa mudança na performance de gênero, ele conta que faltava alguns instrumentos que são os que dão maior swing aos ritmistas. Aí está mais uma vez a relação entre prótese e performance “Era muito fanfarra. Não era uma coisa swingada, com várias anuências no samba, para dar aquele ritmo contagiante que é o do Carnaval do Rio de Janeiro”.

Foi aí que aconteceu a primeira consultoria de uma escola carioca, sendo a do Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) Beija-Flor de Nilópolis. A masculinidade do samba carioca foi trazida para a região pantaneira, produzindo outros modos de ser ritmista de uma escola de samba. A localização no Pantanal também implica o som das baterias em si, e não apenas os instrumentos. Amadeu expõe como o som do Carnaval feito no Pantanal, sem a

*O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

mesma estrutura de grandes cidades, tais como Rio de Janeiro e São Paulo, produz um som diferenciado:

*Devido a gente não ter um sambódromo próprio e apropriado para fazer esse desfile, como é na avenida, e do lado direito que a gente desfila é o lado do Pantanal, o som ecoa muito para aquele lado. Não é igual no sambódromo, que tem arquibancadas dos dois lados e que o som se concentra só no meio.*

Ou seja, o Pantanal, de certa forma, participa da produção dos sons do Carnaval da cidade, afinal, a avenida fica muito próxima do Rio Paraguai, área alagada boa parte do ano, característica da geografia da região pantaneira.

Em termos de masculinidades, ainda é possível assistir a vídeos disponibilizados no YouTube os ritmistas tocando fantasiados. Sabe-se da importância para a nota final das escolas não apenas o tema que os personagens se vestem no enredo do samba, mas a boa apresentação, do começo ao fim, do que se veste. As fantasias também definem proteticamente e performaticamente a masculinidade dos ritmistas. Destaca-se etnograficamente que, em nenhum caso, a fantasia deles eram de personagens femininas. Por exemplo, certa vez, a bateria da G.R.E.S. Império do Morro desfilou com seus ritmistas usando fantasia de militares (Galharte, 2015), enquanto a bateria da G.R.E.S. Mocidade Independente de Nova Corumbá já desfilou com eles fantasiados de garis (Spencer, 2017b).

Fato é que ambas as profissões são, comumente, associadas a figuras masculinas em nossa sociedade. Nesse clima, as mulheres que participam da bateria têm que, em termos de fantasia, se masculinizar. Em relação a masculinidades, ainda, o gari e o militar, em termos de classe social, se distanciam, afinal, os garis estão economicamente em uma condição material inferior à dos militares. Ao mesmo tempo, são carreiras valorizadas em termos morais no contexto fronteiriço estudado – se fosse algo depreciativo não estariam representados no “coração” da escola. Os militares na fronteira representam coragem, segurança e força, a fim de defenderem o território nacional e suas riquezas. Já os garis tendem a serem vistos como dedicados e necessários para a vida cotidiana, especialmente em relação ao fato de se avaliar, estereotipadamente, os brasileiros como “mais limpos” do que os bolivianos. Um, ante o perigo ou a ameaça, cumpre seu papel sem medo. O outro, ante algo estigmatizado como a sujeira, se enobrece ao se dedicar ao trabalho pesado.

Nos referimos a essas representações de masculinidades considerando, por exemplo, o apelo que a letra do enredo “A Império Canta a Ecologia – O futuro do planeta em nossas mãos”, do G.R.E.S. Império do Morro (Galharte, 2015), faz ao vestir seus ritmistas de miliares, sendo esses personagens, no contexto do Pantanal, compreendidos como protetores da natureza: “A luz da esperança está no ar. Reformar é ser perfeito. Novos conceitos, construir sem maltratar”. Ao mesmo tempo, em relação aos garis, a presidente Fernanda Vanucci, do G.R.E.S. Mocidade Independente de Nova Corumbá, justifica a homenagem à classe trabalhadora apontando que o enredo “Chegou a hora dessa gente bronzada mostrar o seu valor” foi pensado “para reverenciar essas pessoas que fazem o Brasil crescer, movimentam a economia e transformam o país em um lugar melhor” (Corumbá, 2017).

### **5. Considerações finais**

Considerando o que foi discutido neste texto, a produção de masculinidades a partir da participação dos ritmistas no Carnaval da fronteira Brasil-Bolívia é caracterizada por aspectos currículo-pedagógicos de diferentes ordens. Essas experiências se dão em vários momentos da vida dos interlocutores, implicando modos de ser, sentir e pensar que vão muito além dos dias dos festejos carnavalescos. Ao mesmo tempo, elas ganham um lugar de reconhecimento importante em suas trajetórias, tanto em termos de sobrevivência quanto em termos identitários.

O currículo e a pedagogia cultural das baterias de escolas de samba demarcam identidades masculinas a partir de marcadores sociais que vão muito além do gênero, como o de nacionalidade. Enquanto homens “alegres” e “apaixonados” pelo Carnaval, os brasileiros se encontram em uma relação de diferenciação com o estrangeiro boliviano de modo valorativo, destacando-se inclusive dentro do próprio estado de MS. A materialidade dessas masculinidades ganha contornos performativo-protéticos com instrumentos personificados em seus significados.

As experiências das mulheres também acabam contribuindo para a compreensão da produção das masculinidades que envolvem os homens nas baterias, principalmente em termos de relações de poder assimétricas. Afinal, são as mulheres que se masculinizam em termos de fantasias, a elas são destinados os instrumentos mais leves e, em um sentido mais amplo, aparecem estereotipadas em ditas homenagens, como o narrado envolvendo uma drag queen e a representação da etnia boliviana *colla*. Essas posições de feminilidades estão atuando em processos de ensino aprendizagem no/do carnaval, portanto, de subjetivação e

*O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

de identificação que também posicionam masculinidades, portanto, precisam ser consideradas em seus aspectos currículo-pedagógicos.

Concluimos este texto afirmando, como em outros estudos que nos antecederam, o quanto as ideias de corpo e sexo são essencialmente curriculares e culturalmente pedagógicas – especificamente neste caso, produzidas ao ritmo de um *swing* carioca, mesmo se dando no Pantanal Sul-mato-grossense. Em meio a relações de poder variadas, mais do que simplesmente hegemonia em termos de masculinidades, elas se apresentam harmoniosas em suas rivalidades, heroicas e valorizadas quando fantasiadas, sem, contudo, deixar de lado estereótipos sobre um outro que vive do outro lado da linha de fronteira.

### **Referências**

AGUIAR, Maria Lívia de Sá Roriz. **Homens memória:** a Velha Guarda e a guarda das tradições do samba carioca. 2013. 224f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2013.

ANDRADE, Paula D.; COSTA, Marisa V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 33, 2017, p.1-23.

ARAÚJO, Cláudio M.; OLIVEIRA, Maria C. S. L.; ROSSATO, Maristela. O sujeito na pesquisa qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 33, 2017, p.1-7.

ASSEF, Sandro. Major Gama abre desfile do acesso com história de cachaça. **Capital do Pantanal**, Corumbá, 8 fev. 2016. Disponível em: <https://www.capitaldopantanal.com.br/geral/major%20gama-abre-desfile-do-acesso-com-historia-da-cachaca/511022/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

BANDEIRA, Gustavo A. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, 2010, p.342-410.

BANDUCCI JUNIOR, Álvaro. Turismo cultural e patrimônio: a memória pantaneira no curso do Rio Paraguai. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 9, n. 20, 2003, p.117-140.

BILATE, Lucas Ferreira. **Sociabilidade de gênero em baterias de escolas de samba no Rio de Janeiro**. 2013. 79f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

BORTOLAZZO, Sandro. Os usos do conceito de pedagogias culturais para além dos oceanos: um análise do contexto Brasil e Austrália. **Momento – Diálogo em Educação**. Rio Grande, v. 29, n. 2, 2020, p.315-336.



BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p.191-219.

CABRAL, Leonardo. Troca de mestres de bateria já movimentou bastidores do Carnaval 2020. **Diário Corumbaense**, Corumbá, 03 jul. 2019. Disponível em: <https://diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=110976>. Acesso em: 5 jan. 2024.

CABRERA, Maria Aurora. **Imperio do Morro-2014**. 1 vídeo (13:55 min). YouTube, 5 mar. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k6GF6E33oVQ>. Acesso em: 3 jan. 2024.

CONNELL, Robert W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013, p.241-282.

CORUMBÁ. Prefeitura Municipal. Mocidade Independente da Nova Corumbá aposta nas vivências do trabalhador para garantir título. *G1*, Corumbá, 23 fev. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-corumba/carnaval-corumba-2017/noticia/2017/02/mocidade-independente-da-nova-corumba-aposta-nas-vivencias-do-trabalhador-para-garantir-titulo.html>. Acesso em: 5 jan. 2024.

COSTA, Gustavo V. O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia. **Tempo Social**. São Paulo, v. 25, n. 2, 2013, p.141-156.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DUQUE, Tiago. “Lá não tem gay”: fronteira e relações de vizinhança envolvendo gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas em Corumbá (MS). *Mneme – Revista de Humanidades*, Caicó, v. 18, p. 111-124, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/12275/9335>. Acesso em: 13 ago. 2024.

DUQUE, Tiago. Lugar de corpo e diferenças no Pantanal. In: DROZDOWSKA-BROERING, Izabela; MARKENDORF, Marcio; OLIVEIRA, Geovana Quinalha de. (org.). *Memórias do corpo: apagamentos*. 1ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022, v. 1, p. 219-239.

FERNANDES, Marcelo. Baterias de escolas de samba ganham reforço para o Carnaval. **Diário Corumbaense**, Corumbá, 30 jan. 2010. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=9881>. Acesso em: 3 jan. 2024.

FERNANDES, Marcelo. Mocidade levará para avenida profissionais consagrados pelo Esplendor do Samba. **Diário Corumbaense**, Corumbá, 16 set. 2014. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=71321>. Acesso em: 5 jan. 2024.

FESTA popular ‘agita’ até a economia, gerando emprego e renda. **Capital do Pantanal**, Corumbá, 5 fev. 2018. Disponível em: <https://www.capitaldopantanal.com.br/geral/festa%20popular-agita-ate-a-economia-gerando-emprego-e-renda/526347/>. Acesso em: 2 jan. 2024.

*O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

GALHARTE, Fernando Xavier. **BATERIA DA ESCOLA DE SAMBA VILA MAMONA – CORUMBÁ – MS**. 1 vídeo (6:14 min). YouTube, 21 jan. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cX8jD7QJ-l8>. Acesso em: 3 jan. 2024.

GALHARTE, Fernando Xavier. **G.R.E.S Império do Morro - 2015 - Desfile Completo**. 1 vídeo (26:54 min). YouTube, 19 fev. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hLhejYg49wU>. Acesso em: 3 jan. 2024.

HELENA, Rener de Melo. *Currículo e pedagogia cultural no carnaval de Corumbá/MS: as baterias das escolas de samba e a produção de masculinidades*. 2022. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, MS, 2022.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 4, n. 9, 1998, p.103-117.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura G.. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 42, 2017, p.41-65.

LOURO, Guacira L. Conhecer, pesquisar e escrever. **Educação, sociedade e cultura**. Porto Alegre, n. 25, 2007, p.235-245.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.7-35.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, 2006, p.285-296.

MCANNELL, Dean. **The tourist: a new theory of leisure class**. Berkeley: University of California Press, p. 155-175, 1999.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, 2020, p.58-72.

MEDEIROS, Gesiane. Pesada desfila pelo título e retorno ao grupo especial. **Capital do Pantanal**, Corumbá, 27 jan. 2016. Disponível em: <https://www.capitaldopantanal.com.br/geral/pesada-desfila-pelo-titulo-e-retorno-ao-grupo%20especial/510415/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

NOVELI, Marcio. Do off-line para o on-line: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? **Revista Organizações em Contextos**. São Paulo, v. 6, n. 12, 2010, p.107-133.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (org.) **Pesquisas sobre currículo, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 23-45.

PASSAMANI, Guilherme R. Kairós e Carnaval: curso da vida de visibilidade e condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 19, n. 2, 2016, p.57-67.

PINHEIRO, Rodrigo. **Bateria Mocidade Nova Corumba**. 1 vídeo (3:57 min). YouTube, 13 fev. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aphWjibMb50>. Acesso em: 3 jan. 2024.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contra-sexual**. Madri: Opera Prima, 2002.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PMC. Vila Mamona: “A garra da nação mamonense é crucial para nossa vitória”. **Capital do Pantanal**, Corumbá, 2 fev. 2017. Disponível em: <https://www.capitaldopantanal.com.br/geral/vila-mamona-a-garra-da-nacao-mamonense-e%20crucial-para-nossa/521501/>. Acesso em: 2 jan. 2024.

RIBEIRO, Ana P. A. O futuro do sambista e o sambista do futuro: juventude, sociabilidade e associativismo nas escolas de samba mirins do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 70, 2018, p.189-207.

RIOS, Fábio D. S.; COELHO, Maria C. P. Emoção e masculinidade no universo do futebol no Brasil. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 58, 2020, p.1-35.

SÁ, Guilherme A. **Os herdeiros da vila: ensino e aprendizagem em uma bateria de escola de samba mirim**. 2013. 147f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 1, 2001, p.04-21.

SILVA, Eloenes; COSTA, Marisa V. Pedagogias da noite: cenas e experiências de aprendizagens noturnas na cidade. **Revista Textura**. Rio Grande do Sul, v. 23 n. 53, 2021, p.216-237.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 185-201.

SOUZA, Gustavo M. Noções de fronteira na teoria e práxis do regionalismo: uma visão crítica. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2018, p.245-261.

*O carnaval e a produção de masculinidades: aspectos currículos-pedagógicos das baterias de escolas de samba na fronteira Brasil-Bolívia*

SPENCER, Sissi. **A Pesada 2017**. 1 vídeo (22:34 min). YouTube, 2 mar. 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s9Fzldl4WTc>. Acesso em: 3 jan. 2024.

SPENCER, Sissi. **Mocidade Independente da Nova Corumbá**. Vídeo (18:32 min). YouTube, 2 mar. 2017b. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0-%20S\\_eBXXH1k](https://www.youtube.com/watch?v=0-%20S_eBXXH1k). Acesso em: 5 jan. 2024.

URT, Nelson. Samba paulista celebra bicentenário de Dom Bosco em Corumbá. **Diário Corumbaense**, Corumbá, 2015. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=78256>. Acesso em: 2 jan. 2024.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) pelo financiamento da pesquisa e também ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### **Sobre os autores**

#### **Renner de Melo Helena**

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal (UFMS/CPAN). Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: [renner.melo@ufms.br](mailto:renner.melo@ufms.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7892-9563>

#### **Tiago Duque**

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FACH/UFMS). Bolsista Produtividade em Pesquisa 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: [tiago.duque@ufms.br](mailto:tiago.duque@ufms.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1831-0915>

Recebido em: 04/06/2024

Aceito para publicação em: 13/08/2024